

**GUERRA DOS CEM ANOS E A BATALHA DE AZINCOURT: REPRESENTAÇÕES DE HENRIQUE V NA LITERATURA E CINEMA**

Bruno Luiz Inocencio dos Santos [[1]](#footnote-1)

**Figura 1: Ilustração representando a batalha de Azincourt que aconteceu em 25 de outubro de 1415, no norte da França.** Fonte: Blog História Licenciatura[[2]](#footnote-2)

**Resumo**: O presente artigo é parte dos resultados de uma pesquisa, que surgiu em um trabalho de aqui estudado, nada mais análise documental da disciplina Burguesia e Cultura Medieval [[3]](#footnote-3). Este trabalho teve como, principal objetivo analisar a batalha de Azincourt, realizada no ano de 1415 na Guerra dos Cem Anos, no dia 25 de outubro, através de duas formas de documentos: primeiro a peça teatral “A vida do rei Henrique V”, do escritor inglês Willian Shakespeare e o filme “Henrique V”, produzido em 1944 e dirigido pelo inglês Laurence Olivier. Por meio dessas duas formas de documentos, procura-se estabelecer uma relação entre os discursos produzidos sobre a batalha, tanto o verídico, quanto o fictício, além de traçar um paralelo entre as duas obras. Nos dois casos, propõe-se um recorte para o estudo. O principal momento analisado será o discurso do Dia de São Crispim (ou Crispiniano, variando de cada tradução), realizado por Henrique V para motivação do exército inglês.

**Palavras chave**: Inglaterra; Shakespeare; literatura inglesa; cinema; Henrique V

**Abstract**:This article is part of the results of a study, which appeared in a work studied here, nothing more documentary analysis of the Bourgeoisie and Medieval Culture discipline. This work was, meant to examine the battle of Agincourt, held in the year 1415 in the Hundred Years War, on 25 October, through two types of documents: first to play "Life of King Henry V" English writer William Shakespeare and the film "Henry V", produced in 1944 and directed by Englishman Laurence Olivier. Through these two forms of documents, it aims to establish a relationship between the discourses produced about the battle, both true, as the fictitious, and draw a parallel between the two works. In both cases, it is proposed a cut for the study. The main point will be analyzed the speech of the Day of St. Crispin (or Crispiniano, ranging from every translation), directed by Henry V for motivation of the English army.

**Keywords**: England; Shakespeare; English literature; cinema; Henry V

Contextualização: Guerra dos Cem Anos

Realizada entre os anos de 1337 à 1453 (ou seja, mais de cem anos, porém com várias tréguas e interrupções), disputou-se entre Inglaterra e França, onde possuía em seu principal objetivo a conquista do trono francês, a partir de 1328, com a morte de Carlos IV. Esse fato inaugurou um período de instabilidade política no interior da França. Eduardo III, rei da Inglaterra, pretendia controlar o reino francês. Para isso, alegava que o fato de ser sobrinho, por parte de mãe, de Carlos IV lhe concederia autoridade para assumir a França. Em contrapartida, ressuscitando uma antiga lei da dinastia merovíngea, a Lei Sálica, os nobres franceses proibiram a ascensão de um descendente de linhagem matriarcal ao trono. No lugar de Eduardo III, foi Filipe de Valois, primo de Carlos IV, que instalou uma nova dinastia na França. Insatisfeito com a frustração de seu golpe político, Eduardo III preparou-se para guerrear contra os franceses. Além desse motivo principal, havia outros menores, como a disputa pela região da Gasconha e interesses econômicos na região de Flandres.

Por se tratar de um confronto que se estendeu por longo tempo, este foi dividido em quatro períodos: o primeiro entre [1337](http://pt.wikipedia.org/wiki/1337) e [1364](http://pt.wikipedia.org/wiki/1364), o segundo entre 1364 e [1380](http://pt.wikipedia.org/wiki/1380), o terceiro entre 1380 e [1422](http://pt.wikipedia.org/wiki/1422), e o quarto entre 1422 e [1453](http://pt.wikipedia.org/wiki/1453). Os exércitos dos dois países foram mudando ao longo dos anos, um se sobressaindo mais a cada período. Vários monarcas viveram e morreram nesse período, cada um possuindo uma determinada importância para seu país.

O confronto é marcado por inúmeras batalhas no seu decorrer. A primeira se realizou nove anos após o início, em 1346, conhecida como batalha de Crecy. Depois desta, ocorreram ainda as de Poitiers (1356); Cocherel (1364); Azincourt (1415, que será citada de uma forma um pouco mais detalhada adiante); Jargeau (1429); Meung-sur-Loire (1429); Patay (1429); Formingny (1450) e Castillon (1453).

Entretanto, a partir de 1348, onze anos após o início da guerra, uma grave doença se alastra por toda a Europa, fazendo com que os confrontos se tornem mais escassos. Trata-se da Peste Negra (ou peste bubônica). Com isso, Inglaterra e França são obrigadas a dar uma pausa, já que os dois países, assim como toda a Europa Ocidental se encontrava em uma grande crise.

Com o passar dos anos, principalmente após a morte de Joana d’Arc (camponesa, guerreira mulher, que liderou o exército francês no quarto período da guerra, morta na fogueira condenada por heresia), a Guerra dos Cem Anos se caminhava para a sua conclusão. A partir de 1453, franceses, ingleses e borgonheses começam a fazer tratados e negociações, em meio a batalhas cada vez mais em menor número, até que em 1452, o conde de Shrewsbury é derrotado perto de Bordéus e a França finalmente recupera a Gasconha, para no ano seguinte terminar a guerra.

A Batalha de Azincourt

Esta batalha foi realizada em 1415, no dia 25 de outubro, dia de São Crispin, no norte da França. Ficou fortemente conhecida por ser a primeira grande vitória da Inglaterra sob o comando de Henrique V, além das condições em que o exército inglês derrotou os franceses. Além de estarem em solo inimigo, em decorrência das fortes chuvas dos dias anteriores, o local se tornou um verdadeiro atoleiro. Em grande inferioridade numérica, os ingleses contavam com, aproximadamente, 15 mil [soldados](http://pt.wikipedia.org/wiki/Soldado) para se opor aos 50 ml soldados franceses (os números são imprecisos). Além disso, é notável o uso de novas armas pelos ingleses, como cita o historiador francês Jérôme Baschet, que diz que “(...) em Azincourt, os arqueiros ingleses transformaram as regras da guerra medieval”[[4]](#footnote-4). Numa excelente estratégia, os [arqueiros](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueiro" \o "Arqueiro) ingleses - e [galeses](http://pt.wikipedia.org/wiki/Galeses) - praticamente liquidaram os franceses no atoleiro. A derrota significativa, pois marcou novos rumos para o conflito. Vários membros da nobreza francesa, mais 1.500 cavaleiros e 4500 soldados morreram nesta batalha. Alguns calculam a morte de 10.000 franceses contra a de apenas 1.600 ingleses. Ao fim da batalha Henrique V teria entre seus prisioneiros Charles, Duque de Orleans (que ficaria cativo na [Torre de Londres](http://pt.wikipedia.org/wiki/Torre_de_Londres) durante 25 anos até seu "resgate" ser pago em 1440), e o líder efetivo do exercito francês, o Marechal Boucicault (que morreria cativo na Inglaterra). O próprio rei Carlos VI jamais comandaria qualquer exército, visto que de acordo com a historiografia sofria de uma doença mental.

A batalha de Azincourt ainda constrói duas profundas consequências: João Sem Medo, até então duque da Borgonha, torna-se senhor do Reino da França e o Partido Armagnac foi liquidado. Os remanescentes se reúnem em torno do delfim Carlos (o futuro Carlos VII), que passa a liderar a oposição à presença inglesa em território francês.

Segundo uma lenda ou invenção muito posterior, os franceses se gabavam de sua superioridade numérica e ameaçavam os arqueiros de cortar o dedo do meio deles (fundamental para arqueiros, para armar o arco), mostrando o seu maior levantado; quando os franceses foram feitos prisioneiros, os ingleses mostraram os dedos e disseram “Olha: os meus dedos estão aqui”. Esse gesto deu origem ao gesto obsceno de "mostrar o dedo" de hoje em dia, nas versões francesa/continental de um dedo e na inglesa dos dois dedos.

Apresentação dos documentos

Cabe uma apresentação dos documentos que serão aqui analisados. O primeiro, excerto do texto de Willian Shakespeare, parte da obra “A vida do rei Henrique V”, escrita entre 1598 e 1599, apresentada pela primeira vez na Inglaterra nesse mesmo período, já ao final da dinastia Tudor. O segundo, cena do filme britânico “Henrique V”, dirigido por Laurence Olivier, com duração de 137 minutos, produzido no ano de 1944. Seu lançamento (1944 na Inglaterra e 1946 nos Estados Unidos) , já no final da Segunda Guerra Mundial, é considerado como um filme de caráter patriótico, com um chamado à nação, mostrando seu potencial em propaganda de guerra. Foi indicado ao Oscar de melhor filme, melhor ator, melhor direção de arte e melhor trilha sonora. Não recebeu nenhum desse prêmios, mas Laurence Olivier ganhou um Oscar Honorário pelo desempenho como [ator](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ator), [produtor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Produtor_cinematogr%C3%A1fico) e diretor ao adaptar Henrique V para o cinema

Representação do discurso de São Crispim por Willian Shakespeare [[5]](#footnote-5)

“Quem deseja tal coisa? Westmoreland?

Não caro primo; se fadados estamos para a morte,

a pátria em nós, já perde muitos filhos;

mas se vivermos, quanto menos formos,

maior será nosso quinhão de glória.

Deus o decida. Não desejo, peço-te,

nenhum homem a mais do que os temos.

Por Jove! Não busco ouro nem riquezas;

não procuro saber quantas pessoas

à minha custa vivem; não me aflige

ver alguém envergando as minhas roupas.

Essas coisas externas não me afetam.

Mas se é pecado ambicionar a glória,

sou o maior pecador que está com vida.

Não, por Deus, caro primo, não desejes

nenhum inglês a mais, que não me agrada

perder a parte de honra que me fôra

preciso dividir com mais um homem.

Por minhas esperanças! Oh! Não queiras

mais ninguém. Ao contrário: é de vantagem,

Westmoreland, anunciar às tropas

que se alguém se sentir acovardado,

poderá retirar-se antes da luta;

obterá passaporte e, para a viagem,

coroas levará dentro da bôlsa.

Não queremos morrer na companhia

de quem receia parecer conosco.

Hoje é dia de São Crispiniano;

quem conseguir ficar hoje com vida,

chegando salvo a casa, há de dar pulos

de alegria ao ouvir falar na data,

comovendo-se o nome Crispiniano;

Quem neste dia não perder a vida

e chegar à velhice, há de todo ano,

na véspera, dizer para o vizinho:

“ Mais um dia de São Crispiniano!”

Arregaçando as mangas, mostra as marcas

e dirá: “Tôdas estas cicatrizes

são do dia de São Crispiniano”.

Tudo os velhos esquecem; mas embora

fique tudo esquecido, hão de lembrar-se

com minúcias dos feitos dêste dia.

Em suas bôcas serão nossos nomes

tão familiares como termos de uso

caseiro: o Rei Henrique, Salisbury,

Gloster, Bradford, Warwick, Talbot e Exeter

serão com alegria relembrados

ao toque de seus corpos transbordantes.

Esta história os valentes hão de aos filhos

transmitir, e de agora ao fim do mundo

não poderá, jamais ser pronunciado

o nome de Crispin Crispiniano

sem que lembrado todos nós sejamos.

Nós, poucos; nós, os poucos felizardos;

nós, pugilo de irmãos! Pois quem o sangue

comigo derramar, ficará sendo

meu irmão. Por mais baixo que se encontre,

confere-lhe nobreza o dia de hoje.

Todos os gentis-homens que ficaram

na Inglaterra julgar-se-ão malditos

por não terem estado aqui presentes,

e hão de fazer idéia pouco nobre

de sua valentia, quando ouvirem

alguém dizer que combateu conosco

neste dia de São Crispiniano.”

(SHAKESPEARE, 1970, p. 135-137).

****Representação do discurso de São Crispim por Laurence Olivier

**Figura 2: Laurence Olivier, atuando como Henrique V, na cena do discurso de São Crispiniano.** Fonte: Blog Devaneios – cinema, música e literatura[[6]](#footnote-6)

“- Não, meu leal primo. Se estamos marcados para morrer, basta. Se para viver quanto menos homens, maior a honra. Não desejes sequer mais um homem. E proclame que, quem não aguentar, poderá partir sendo-lhe dado o passaporte para a viagem. Não morreremos com quem teme morrer do nosso lado. Hoje é festa de São Crispim. Quem sobriver e voltar para a casa exulturá ao falar de hoje, e brindará ao nome de Crispim. Quem viver e chegar à velhice todo ano, nesta data, dará uma festa: “Amanhã é dia de São Crispim”. Exibirá suas cicatrizes e dirá: “Recebi estas feridas no dia de São Crispim”. Os velhos esquecem, mas hão de lembrar-se de seus feitos nesse dia. Depois nossos nomes, familiares serão recordados ao som de brindes. Esta história o pai contará ao filho e Crispim Crispiniano perdurará desde hoje até o fim do mundo e com eles seremos lembrados. Nós, felizes poucos, mas bandos de irmãos. Quem hoje veste seu sangue meu irmão será. E cavalheiros agora adormecidos, maldirão não terem estado aqui e menosprezarão sua virilidade frente a quem lutou conosco no dia de São Crispim!”

(HENRY V, 1944, cena 8)

Uma Análise dos discursos de Henrique V e sua representação na batalha de Azincourt

Acima se encontra os dois fragemntos dos documentos que serão analisados, peça teatral e filme. A partir da reprodução dos dois discursos acima, o de Shakespeare e de Olivier, iremos relacionar o que foi dito por Henrique V com a batalha que viria, a descrição da batalha e a relação com o período em que cada obra foi criada.

O trecho escrito por Willian Shakespeare se encontra maior do que foi adaptado po Laurence Olivier. Shakespeare cria um discurso de inflamação para Henrique V, soldados ingleses que estavam desmotivados pela inferioridade em relação do exército francês, logo ficam acreditados e esperançosos na vitória que virá e na bravura de seu monarca como comandante. Em sua obra anterior, “Henrique IV”, Shakespeare trata Henrique V, então na fígura de princípe, como um boêmio, um jovem que pouco se preocupa com a situação inglesa, mais interessado em festas com seus amigos Pistola e Bardolfo. Porém, isso vai mudando ao longo desta nova obra. O autor se preocupa em fazer uma nova imagem para o novo rei, líder da Inglaterra, após ser insultado pelo Delfim (príncipe francês).

Por meio do discurso analisado, Shakespeare traz uma enorme responsabilidade à Henrique V. Situados em pleno território francês, coube ao monarca animar um exército de proporção numérica maior, cansados, pois já vinham de batalhas anteriores, com saudades de casa e tristes pelas baixas de amigos ao longo das campanhas de batalhas. Do outro lado, encontra-se um exército forte e vivo (cinco vezes mais numerosos), descansados, bem preparados e em sua terra natal, ou seja, todos fatores propícios a vitória.

Além disso, Shakespeare, em seu tom patriótico, não mostra também a Guerra dos Cem Anos, mas também a força que só poderia ser defendida por alguém da casa dos Lancaster, vencedores na Guerra das Duas Rosas, e que também foi representado pelo autor.[[7]](#footnote-7)

Em relação a batalha, Shakespeare demonstrou através dos personagens, ingleses e franceses, a superioridade francesa (isso pode ser notado quando Exeter, soldado inglês diz a outro soldado que “a proporção é de cinco para um, sendo, além disso, tropas frescas, somente”) [[8]](#footnote-8). Também nos mostra o estado em que se encontrava a região da Azincourt, ocasionado pelas fortes chuvas, que prevaleceu o exército inglês. Na quarta cena do quarto ato (logo após o discurso e que se segue a batalha), o autor começa a mostrar o campo de batalha pela visão de dois personagens, Pistola, amigo pessoal do rei, e por um soldado francês. Assim como o monarca, o patriotismo inglês se vê refletido nas falas de Pistola. A cena seguinte, destina-se aos nobres franceses, o Delfim, duque de Orleans e duque de Bourbon, todos estes desesperados com o fracasso que já se inicia por parte do exército francês. Logo após a batalha se segue, com a vitória inglesa e a vinda do arauto francês para pedir permissão para contar o número de mortos e declarar a rendição francesa[[9]](#footnote-9).

Ao que se segue da peça, trata-se de um clássico drama-romântico shakespeariano. Henrique V é recebido com glórias na Inglaterra, pela sua vitória (nesse momento, parece que o exército inglês nuca existiu e a vitória se deu sozinha). Logo adiante, o monarca vai para a França com alguns nobres ingleses para encontrar os Reis da França, juntamente com a princesa Catarina, a quem é pedida sua mão em casamento, resultando no desfecho romântico da obra. O duque da Borgonha e sua fala para determinar o que seria tratado entre vencedores e derrotados ficam em segundo plano.

“A vida do rei Henrique V”, é considerado por alguns críticos como a obra mais patriótica de Shakespeare, sendo que este tipo de discurso é comparado com “Os Lusíadas”, de Camões, onde este também enaltece o povo português na saga de Vasco da Gama. Escrita entre 1599-1600 (há uma dúvida por parte dos estudiosos do autor), a obra inglesa é reproduzida já no fim do período elisabetano. Elizabeth I, última rainha da dinastia Tudor, reinou a Inglaterra por 45 anos, onde neste período foi marcado por um governo forte e responsável também pelo sentido de nacionalismo inglês. Vitórias como a de Azincourt podem ser associadas como a vitória sobre “A Armada Invencível”, de Felipe II da Espanha, criando um ideal de grandeza no povo inglês por meio de seus monarcas.

A outra obra analisada

Filmado em 1944, “Henrique V” possuiu atuação e direção por parte de Laurence Olivier. Este será responsável por reproduzir as obras de Shakespeare relacionadas à corte inglesa para o cinema.

Por se tratar de uma obra cinematográfica, nela podemos perceber a reprodução da batalha de uma forma mais visível (já que a outra análise destina-se somente a leitura do texto). O discurso é feito de forma mais curta, menos que dois minutos, porém com o mesmo caráter, de mostrar às tropas inglesas o quanto seriam capazes de vencer. As cenas de batalha foram realizadas na Irlanda, onde demonstra-se a situação encharcada em se iria acontecer o confronto. Também se reflete a superioridade numérica francesa, com um exército maior, com armaduras grandes, lustrosas e com todos ansiosos pela vitória.

Deve-se citar, que Olivier faz uma adaptação especial ao Delfim e os outros membros da nobreza francesa. Enquanto na obra teatral, estes só são demonstrados em um único momento de raiva, quando já percebem da derrota, o diretor faz diferente. Ele mostra a nobreza francesa sendo boba e patética, a todo momento dando risada de piadas relacionadas aos ingleses e a “vitória fácil e rápida que virá pela manhã”, como diz o próprio Delfim. Sempre precisam de ajuda para fazer qualquer coisa, desde as mais simples até as mais complexas. Além disso, fica com eles o estereótipo de covardes, já que em nenhum momento da batalha no filme, entram em confronto direto com os ingleses, restando assim a definição de guerreiro e rei corajoso para Henrique V.

A Henrique V, cria-se outro momento de bravura, além do discurso de São Crispim. Já no final da batalha, o rei é informado por soldados ingleses que as crianças e mulheres (que não foram mostradas no filme) que permaneceram no acampamento foram todas assassinadas. Em um momento de súbita raiva, o monarca parte sozinho para combater soldados franceses que praticaram a brutalidade. Logo após, a cena se transfere para a chegada do arauto francês anunciando a rendição. A ida até a Inglaterra é cortada, restando somente o pedido de casamento para a princesa Catarina.

Certamente, essas duas passagens citadas acima, não devem ser verdadeiras, pois nenhum dos relatos da batalha mostra a nobreza francesa como boba e assassinatos de crianças no acampamento inglês. Além, a própria obra original na qual o filme se baseia, não cita nenhuma passagem dessas. Portanto, pode-se definir que essas cenas foram inventadas por Olivier, interferindo na veracidade dos fatos, o que é marcado pelas obras cinematográficas.

Porém, em relação às batalhas, pode-se dizer que o diretor fez algo próximo do que se encontrava no período. Analisando as imagens criadas retratando o confronto, sendo estas desde pinturas, tapeçarias e gravuras diversas, percebe-se o como se portava os dois exércitos, tendo como principais armas, arcos e bestas, armaduras e alguns agrupamentos montados a cavalos. Esta representação, podemos dizer que o diretor fez o mais parecido que se pode, a medida do possível.

Lançado em novembro de 1944 na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945, podemos fazer um paralelo com o momento e dizer que o discurso de Henrique V não se destina somente as tropas inglesas de Azincourt, mas também para o povo inglês do século XX. Assim como a fala se destina para a vitória sobre os franceses, ela também motiva o povo inglês para a vitória sobre os nazistas alemães.

Rodado às vésperas da [invasão da Normandia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Batalha_da_Normandia) pelos [Aliados](http://pt.wikipedia.org/wiki/Aliados_da_Segunda_Guerra_Mundial), um claro [paralelo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Paralelo) foi traçado entre a conquista da França pelo [rei](http://pt.wikipedia.org/wiki/Rei) [inglês](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ingleses) no [século XV](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XV) e o início da derrota dos invasores [nazistas](http://pt.wikipedia.org/wiki/Nazistas). Dedicado aos combatentes, “Henrique V” usou a [poesia](http://pt.wikipedia.org/wiki/Poesia) heroica de Shakespeare como uma [trombeta](http://pt.wikipedia.org/wiki/Trompete), um chamado à [nação](http://pt.wikipedia.org/wiki/Na%C3%A7%C3%A3o), e mostrou seu potencial como [propaganda](http://pt.wikipedia.org/wiki/Propaganda) de [guerra](http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra),  assim como em *“In Which We Serve,”* [[10]](#footnote-10) realizado dois anos antes.

O filme recebeu quatro indicações ao Oscar, porém não recebeu nenhum dos prêmios. Mesmo assim, o filme, e principalmente o discurso de Laurence Olivier, influenciou e inflamou os ingleses que o assistiram em 1944/1945, para que assim como em Azincourt houvesse a batalha, existisse a vitória sobre os inimigos nazistas.

Conclusões

Podemos citar que tanto a obra teatral, como a obra cinematográfica, nos mostram alguns aspectos que podem ser utilizados para estudos. Entretanto, algumas consequências imediatas da batalha, principalmente ao que se refere na estrutura política, não são demonstrados em nenhuma das obras, como exemplificados a seguir:

* o duque da Borgonha, João Sem Medo, tornou-se um verdadeiro senhor do Reino da França;
* a dissolução do Partido Armagnac, que era um dos líderes políticos na França;
* a reunião em torno do Delfim Carlos, que se tornará Carlos VII, virando um dos principais nomes da resistência francesa (o Delfim não aparece no momento final de nenhuma das duas obras).

Ocorre também um erro cronológico nas duas obras analisadas. O casamento entre Henrique V e Catarina de Valois ocorre em 1420, cinco anos após a conclusão da batalha de Azincourt. Além disso, em ambas as obras ocorrem uma visão romanceada do momento, como se não fosse um casamento de acordo. A aliança tratada entre o Felipe, o Bom, duque da Borgonha (nas duas obras não se cita seu nome) com Henrique V, parece que foi realizada poucos dias depois da batalha, e não em um intervalo de cinco anos (no filme, o pedido de casamento se dá com a mesma roupa que o rei usou na batalha).

Portanto, podemos concluir que as duas obras trazem pontos que são verdadeiros, porém outros que devem ser questionados, já que se tratam de trabalhos que envolvem fatos históricos, mas não o tratam com a dimensão do tal, e sim como uma passagem, um pano de fundo para que aconteça outras coisas. Ou seja, acaba gerando falhas históricas, o que é recorrente a grande maioria de obras que se destina ao caráter comercial (como exemplo, as obras hollywoodianas de nossos dias).

Sendo assim, devemos levar como principal conclusão, que cada obra foi escrita em um determinado tempo, e que, por meio do discurso de São Crispim, os dois tiveram objetivos semelhantes: reforçar o caráter do povo inglês. A peça teatral de Willian Shakespeare escrita em 1600 auxiliou com seu discurso, a formação da identificação do povo inglês, sendo um povo forte e unido. O filme de Laurence Olivier, rodado em 1944, também tem como propósito a identificação do povo inglês, aquele que se identifica com o perigo nazista na Segunda Guerra Mundial, e que mesmo mais fracos, assim como em Azincourt, sabem que são possíveis e capazes de vencer mais essa batalha. Como diria Henrique V, quando ouvirem alguém falar em Crispim Crispiniano, saberão que houve uma batalha, seja esta qual batalha for, ou em qualquer momento da história.

Por fim, podemos destacar a importância deste trabalho, como um exercício comparativo de fontes diferentes, para o estudo da história. No caso deste artigo, a literatura e o cinema ganham possiblidade explicativa que motivam novos estudos históricos. Neste trabalho apresentamos ambas como possibilidade de reflexão sobre a batalha de Azincourt, sob a perspectiva de novos documentos. Mas estes estudos não devem se restringir a batalha de Azincourt. Primeiro, pois há outras obras de Shakespeare que retratam a coroa inglesa (obras como “Ricardo III”, “Henrique IV”, Henrique VI”, entre outras), que também foram retratadas no cinema por Olivier. Sendo assim, o historiador, em sua busca incansável pelo conhecimento, deve se “debruçar” sob essas obras, como novas fontes de documentos, resultando em novas análises.

Referências

BASCHET, Jerome. **A civilização feudal – Do ano mil à colonização da América.** São Paulo: Globo, 2006.

CREMONEZE, P.H. **Henrique V e a batalha de Azincourt.** Disponível em: < http:// <http://www.cremoneze.adv.br/images/henrique-batalha-azincourt.pdf> > acessado a 15 de outubro de 2014.

NETO, Jônatas Batista. **História da Baixa Idade Média (1066-1453).** São Paulo: Ática, 1989.

PAIXÃO, E. **A importância do teatro de William Shakespeare para o período elisabetano e para os dias atuais: uma coletânea de obras atemporais que ultrapassam gerações.** Disponível em: < <http://www.cj.uenp.edu.br/files/Eventos/soletras/2010/anais/comunicacoes_individuais/soletras-2010-8.pdf> > acessado a 12 de outubro de 2014.

SHAKESPEARE, Willian. **Obras Completas de Shakespeare – Volume XVIII.** São Paulo: Melhoramentos, 1970.

Filmografia

**Henry V**. Direção: Laurence Olivier. Produção: Laurence Olivier. Reino Unido: United Artists, 1944. 137 min., son(in)., Technicolor.

1. Aluno de graduação em História, cursando o 5º semestre na Universidade de Taubaté, Departamento de Ciências Sociais e Letras, e-mail: bruno.innocencio@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Disponível em:<http://hid0141.blogspot.com.br/2013/06/a-mais-longa-batalha-da-historia.html> acesso em outubro de 2014. [↑](#footnote-ref-2)
3. Agradecimento especial à Prof. Dra. Suzana Lopes Salgado Ribeiro, titular da disciplina de Burguesia e Cultura Medieval na Universidade de Taubaté, no qual sua orientação foi de fundamental importância para a pesquisa. [↑](#footnote-ref-3)
4. BASCHET, Jérôme. *A civilização feudal.* p.250 -251. [↑](#footnote-ref-4)
5. Por se tratar de uma reprodução de um trecho da obra, a grafia é a mesma que se encontra na edição que foi analisada (Obras Completas, 1. ed. Melhoramentos) [↑](#footnote-ref-5)
6. Disponível em:<http://http://devaneiosregi.blogspot.com.br/2012/06/quando-hollywood-se-curvou-laurence.html> acesso em outubro de 2014 [↑](#footnote-ref-6)
7. Essa pequena referência de Shakespeare à Guerra das Duas Rosas pode ser explicada pelo momento em que a peça foi escrita, já no final da dinastia Tudor (como pode ser observado com mais detalhes ao decorrer do texto), no momento em que esta dinastia sai como a grande vencedora do conflito. [↑](#footnote-ref-7)
8. SHAKESPEARE, Willian. *A vida do Rei Henrique V.* p.104 [↑](#footnote-ref-8)
9. “Não, grande rei; retorno com o pedido de que nos dês licença caridosa de percorrermos o sangrento campo para que retiremos nossos mortos e, separados dos comuns dos nobres, lhe demos sepultura. Muitos príncipes dos nossos – oh desgraça! – mergulhados e afogados estão em sangue baixo (...). Os cavalos feridos, atolados até os machinhos na sangueira extensa, com suas patas armadas, nos cadáveres batem dos donos, e de novo os matam. Ó grande rei, dá-nos licença agora, de o campo, sem perigo, percorrermos e de apartarmos, como disse, os corpos.” (fala de Montjoy, arauto francês). [↑](#footnote-ref-9)
10. *“In Which We Serve”* (no Brasil lançado como “Nosso Barco, Nossa Vida”), é um filme britânico de 1942, dirigido, produzido e estrelado por Noel Coward. Seu enredo principal trata de um navio de guerra britânico que resiste aos ataques do Eixo. É considerado um filme de propaganda ou patriótico, na qual também se enquadra *“Henry V”* de Olivier, resultando assim na comparação dos filmes, e também a conclusão da imensa quantidade de filmes que foram realizados nesse período com essa temática. [↑](#footnote-ref-10)